

Geografia do Neoliberalismo*

Zeno Soares Crocetti

“O espaço tornou-se uma escala da reprodutividade capitalista, ou seja, uma espacialidade socialmente gestada no tempo tecnicamente empiricizado dentro de um espaço-mundo. Globalização! Por isso a mídia pauta o cotidiano, e domina os movimentos.”

Crocetti, *Reestruturação Produtiva no Paraná*. 2001.

Introdução

O neoliberalismo, como sistema político hegemônico mundial, é na realidade o neo-imperialismo, que se alimenta na conquista de territórios, mas não mais territórios extensões de terras como no passado, mas sim de territórios produtivos, territórios de consumo. O fim da Guerra Fria, não significa, de maneira alguma, que o mundo tenha superado a bipolaridade e reencontrado a estabilidade, sob a hegemonia dos Estados Unidos. Pois, se há vencidos, é difícil nomear quem é o vencedor. Os Estados Unidos? A União Européia? O Japão? Os três juntos?

A derrota do "império do mal" abre novos mercados, cuja conquista pode provocar uma nova guerra mundial.

O globalitarismo, essa Nova Ordem Mundial, regrediu no tempo e no espaço, essa estranha modernidade, que dá dois passos para frente, três para trás. Esse início de milênio assemelha-se mais aos séculos bárbaros precedentes do que ao futuro racional, descrito por tantos romances de ficção científica. Pois, centenas de países e nações, riquezas e, sobretudo, uma imensa força de trabalho disponível aguardam seu novo patrão. Única é a função de mestre do mundo, numerosos são os candidatos. Vem aí uma nova guerra entre os que pretendem fazer parte do "império do bem".

* Texto usado como referencial teórico na apresentação da Oficina: *A Crise Brasileira se Administra?* no III Fórum Social Mundial em janeiro de 2003a em Porto Alegre-RS. Texto reformulado e aumentado, apresentado na Mesa Redonda; *A Crise Brasileira se Administra?*, no *I Encontro Sulbrasileiro de Geografia*, Curitiba, outubro de 2003b. Artigo publicado no livro *Panorama Contemporâneo: Geopolítica e Relações Internacionais* em 2008c.

Ela tem início logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, na Europa, depois nos EUA, onde o capitalismo imperava com maior vigor. Essa ordem surge como reação teórica e política contra o Estado intervencionista e de bem estar social. Sua tese original é o texto de Friedrich Hayek, *O Caminho da Servidão*, datado de 1944.

É um ataque velado e radical contra os mecanismos de controle do Estado, imposto pelo Mercado. Prega liberdade total de comércio, sem limites, sem controles. Sobrevivem de estratégias, orquestradas pelas mídias de aluguel, que em uni som vivem denunciando, esbravejando que qualquer tentativa de barrar os avanços do neoliberalismo globalizado é uma ameaça letal à liberdade, econômica e política. Sua mensagem é drástica apesar de suas boas intenções, o projeto de administração do Estado moderado, imposta via Consenso de Washington aos países da periferia do sistema capitalista, poderá conduzir ao mesmo desastre que o Nazismo Alemão, ou seja, a servidão moderna.

Hayek inconformado com o avanço do Estado de Bem-estar na Europa, em 1947 convocou alguns simpatizantes de sua orientação ideológica para uma reunião na Suíça. Entre os participantes estavam também inimigos declarados do (novo programa – *New Deal*, estadunidense. Nesse encontro se fundou a sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de Franco-maçonomia Neoliberal, retamente organizada e dedicada. Seu objetivo básico era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases do novo capitalismo, duro e livre de regras.

Nesse período, (1945-60), o mundo vivia sua idade do ouro, apresentado o crescimento mais rápido da economia, ou seja estávamos surfando na onda do ciclo longo de Kondratieff em sua fase “A” expansiva. Por essa razão, a polêmica contra a regulação social, tem uma receptividade maior, e Hayek e seus companheiros pregam que o novo igualitarismo deste período, promovido pelo Estado, de Bem-estar, destruíria a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência. Desafiando o consenso oficial da época, eles argumentavam que a desigualdade era um valor positivo – Na realidade imprescindível em si pois disso precisavam as sociedades ocidentais. Essa tese permaneceu na teoria Neoliberal por mais de 20 anos.

Com a crise cíclica Geral do Capitalismo, deflagrada com a primeira e segunda crise do petróleo de 1973/74 e 1978-79, fase “B” do ciclo longo de Kondratieff, que levou o mundo a uma bruta recessão, combinando com baixas taxas de crescimento da economia aliada as altas taxas de inflação, pela primeira vez, abriu caminho para as idéias Neoliberais, que passaram a ganhar maior visibilidade. As raízes da crise, afirmava Hayek e seus companheiros, estavam localizados no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento social organizado, que corroeram as bases da acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários, e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez os gastos sociais.

Os salários e os encargos sociais segundo a análise neoliberal, destruíram os níveis necessários de lucros das empresas e desencadearam processos inflacionários que levaram a uma crise geral das economias capitalistas, esses argumentos foram usados em rede mundial articulados em comum acordo com a *Mídia de Aluguel* corporativa mundial para mascarar a crise *Geral do Capitalismo*, diagnosticada por Marx, e estudada por Kondratiev e Schumpeter. O remédio, era claro; manter o Estado forte; sim; mas só na sua capacidade de romper e esmagar o poder dos sindicatos e o controle monetário, mas sem ação e fraco para investimentos, intervenções econômicas e gastos sociais. Mas o receituário só terá sucesso se vir associado a estabilidade monetária, controle inflacionário, que irá garantir as bases do intervencionismo Neoliberal.

Para o sucesso e a implantação dessas idéias, era necessário uma disciplina orçamentária com os seguintes objetivos:

- diminuição crescente até a total contenção dos gastos sociais;
- aumento da taxa de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalhadores para quebrar os sindicatos, e permitir o arrocho salarial;
- reformas fiscais, redução de impostos sobre os rendimentos mais altos, sobre tudo os que incidem sob o lucro.

Sendo assim; uma nova e saudável desigualdade iria voltar a dinamizar as economias avançadas, que naquele momento (1973-78), estavam as voltas com uma estagflação, resultados das políticas de Keynes, ou seja, a intenção anticíclica de redistribuição social, as outras haviam desgraçado o mundo normal da acumulação e do livre mercado. Anulavam pela força do controle da circulação das idéias, vide controle da mídia de aluguel, e a compra de pesquisadores vassalados, na periferia do Sistema Capitalista e no Centro do Império também (*John Williamson, Milton Friedman, etc.*) para reafirmar e legitimar sua tese, Dessa maneira, o crescimento da economia cresceria quando a estabilidade monetária (fim da Inflação) e os incentivos essenciais para retomada do desenvolvimento e da modernidade.

O modelo neoliberal levou mais de uma década para ser implantado, pois a maioria dos países europeus adotavam a cartilha Keynesiana. O pioneiro do modelo foi o Chile, sob a tutela militar de Pinochet, no início dos anos 70, começou de modo avassalador, desregulamentação econômica, profissional, desemprego em massa, repressão sindical, concentração de renda em favor da elite,

privatização de bens públicos, tudo isso inspirado no modelo neoliberal estadunidense de *Milton Friedman*.

O Neoliberalismo Chileno, bem entendido, pressupunha a abolição da democracia e instalação da mais cruel e violenta ditadura militar do pós-guerra.

Hayek, explicava que a democracia em si mesma, jamais havia sido um valor central do neoliberalismo. A liberdade e a Democracia, explicava, podiam facilmente tornar-se incompatíveis, se a maioria da sociedade decidissem interferir nos direitos incondicionais de cada agente econômico, se decidissem dispor de sua renda e de sua propriedade como quisessem. Esses processos destruíram os níveis necessários de lucros das empresas e desencadearam processos inflacionários que não podiam deixar de terminar numa crise generalizada das economias capitalistas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Desta forma, uma nova e saudável desigualdade iria voltar a dinamizar as economias avançadas, então às voltas com uma estagflação, resultado direto dos legados combinados de Keynes e de Beveridge.

Nesse sentido o Chile na periferia do sistema capitalista se transformou numa espécie de experiência-piloto para o neoliberalismo dos países centrais. É bom lembrar que na Europa ocidental, o ideário do neoliberalismo andava meio arranhado, e só foi possível implantá-lo devido a *Crise Geral do Capitalismo*, em parte gerada pela crise do petróleo, e por outra determinação, gerada pelo esgotamento do modelo tecnológico da 2ª Revolução Industrial, além é claro da crise política do modelo soviético e da reestruturação produtiva da China nos fins dos anos 80 e início dos 90.

Da Ideologia a Práxis

Com esse processo, ganhou espaço uma nova ideologia – o novo liberalismo –, que se constituiu em uma hegemonia no plano mundial. O liberalismo enquanto formulação político-ideológico já existia antes das grandes transformações em curso, particularmente no que diz respeito a globalização da economia e a reestruturação produtiva. Mas foi no contexto destas transformações que o neoliberalismo conquistou espaço e reconquistou a sua posição.

A Nova Ordem Mundial se sustenta nas velhas desigualdades entre os habitantes, assim como nas velhas distinções entre classes de países. Os caciques da aldeia global são os 23 países desenvolvidos, que concentram nada menos que 80% do Produto Interno Bruto (PIB) do globo, US\$ 20,5 trilhões, mas onde moram apenas 15% da população: Estados Unidos, Canadá, países da Europa Ocidental, Austrália, Japão e Nova Zelândia. Neste grupo exclusivo, a renda *per capita* média é de US\$ 24 mil. Nos outros 162 países, US\$ 1 mil. (ONU: 2004)

"É fácil de constatar as disparidades, basta dar uma volta nas ruas", disse o cientista político e lingüista estadunidense Noam Chomsky, ao visitar, em novembro de 1998, pela primeira vez o Brasil.

Diariamente, circulam US\$ 3 trilhões nos mercados financeiros mundiais. Diariamente também um quarto dos habitantes do planeta vai dormir com fome, o que corresponde a cinco vezes a população dos Estados Unidos.

Há cada vez menos barreiras para o percurso do capital. O volume de comércio exterior, base da internacionalização econômica, cresceu em média 5,3% nos quatro primeiros anos da década de 90, o maior avanço desde o início dos anos 70. Não houve, porém, contrapartida no aumento da riqueza mundial. Ao contrário: a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto nos anos 90 foi a mais baixa da segunda metade do século XX, 1,71% ao ano em média, segundo mostra um estudo do economista Simão Silber, professor de Economia da USP (BENKO, 1995: p. 51-71).

A conclusão é que a intensificação da circulação de mercadorias entre os países, o comércio internacional, que é uma marca do globalitarismo, não tem melhorado a vida da maioria das pessoas nem tampouco da maior parte dos países. O capital circula com mais velocidade, mas a quantidade de produtos continua praticamente a mesma, ou seja, maior produção com menos trabalho, logo menos consumo.

Para os países candidatos ao modelo nessa guerra global, reza o manual globalitário que é necessário satisfazer cinco condições:

- Estabilidade da economia com crescimento controlado;
- Modernidade através de reformas eficazes;
- Flexibilidade administrativa, produtiva e trabalhista;
- Privatizações (Estado mínimo);
- Globalização da economia, livre cambismo total.

Para a implantação do projeto da nova ordem mundial (o globalitarismo), o Estado nacional – como o conhecemos hoje – deve ser eliminado. A coordenação das políticas macroeconômicas passa para os cartéis (mega-empresas globais) ou organismos internacionais (FMI/Banco Mundial/OMC). Os serviços públicos devem ser privatizados para se adaptar às estratégias globais. O Estado Mínimo passa a ser então sinônimo de legislação e ainda assim basicamente na área civil, pois as de ordem econômica e trabalhista devem ser padronizadas e flexibilizadas – a formação da União Européia expressa claramente esta perspectiva. E também deve se organizar, assumindo total responsabilidade para que os excluídos não perturbem os incluídos na “nova ordem”, garantindo a estes ordem e segurança que a produtividade/qualidade/racionalidade requerem. Hoje se fala em políticas compensatórias para diminuir os impactos dessa política globalitária excludente e geradora de mais pobreza, fruto dos ajustes estruturais em curso para adaptar as economias locais à lógica da nova dinâmica da economia mundial.

Com esse processo, ganhou espaço uma nova ideologia – o novo liberalismo –, que se constituiu em uma hegemonia no plano mundial. O liberalismo enquanto formulação político-ideológica já existia

antes das grandes transformações em curso, particularmente no que diz respeito à globalização da economia e à reestruturação produtiva. Mas foi no contexto destas transformações que o neoliberalismo conquistou espaço e reconquistou a sua posição.

Para Therborn,

"(...) o neoliberalismo é uma superestrutura ideológica e política que acompanha uma transformação histórica do capitalismo moderno" [1995, p. 39].

No debate acadêmico, há um consenso de que é o neoliberalismo que informa as principais políticas econômicas em curso e que o modelo Keynesiano de capitalismo reformado e o modelo socialista clássico estão em crise.

"O neoliberalismo é um projeto sério e racional, uma doutrina coerente e uma teoria vinculada e reforçada por certos processos históricos de transformação do capitalismo. É uma doutrina, pelo menos de fato, conectada com uma nova dinâmica tanto tecnológica e gerencial quanto financeira dos mercados e da competição" (THERBORN, 1995, p. 182).

Para Anderson,

"Tudo que podemos dizer é que este é um movimento ideológico, em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado. Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional. Eis aí algo muito mais parecido ao movimento comunista de ontem do que ao liberalismo eclético e distendido do século passado" (ANDERSON, 1995: p. 22).

Para Therborn, o neoliberalismo precisa ser compreendido no contexto histórico das grandes mudanças nas relações institucionais entre o Mercado e o Estado e entre as Empresas/Mercado (THERBORN, 1995: p. 139-40). Essa mudança não é fruto de uma política ou de uma ideologia econômica, mas trata-se de uma mudança que tem por trás a força de uma configuração bem complexa. Neste sentido,

"(...) essa mudança tem dado alento à força ideológica dos partidos e dos intelectuais neoliberais, mas não é um efeito produzido por estes" (THERBORN, 1995, p. 140).

Para o mesmo autor, o neoliberalismo está se esgotando enquanto projeto ideológico e político, e a expectativa de sua continuidade se assegura apenas nos seus laços de articulações com o gigantesco processo de mudança estrutural em curso no mundo capitalista. (THERBORN, 1995: p. 141)

Anderson contesta esta posição. Para ele, só é possível falar em uma hegemonia neoliberal hoje porque as políticas econômicas são definidas por esta doutrina. No final do século XX, apenas o neoliberalismo se apresentou como "proposição intelectual efetiva para o ordenamento das economias capitalistas modernas" (1995, p. 149). Para afirmar que o neoliberalismo está superado, é preciso que haja outra doutrina substituindo-o, o que não ocorre ainda. Pelo contrário, "o neoliberalismo foi e é uma doutrina completa e coerente" (1995, p. 148), possuindo uma força formidável do ponto de vista intelectual. A formulação neoliberal tem em Hayek o responsável pelo desenvolvimento de uma epistemologia completa e coerente, enquanto Friedman "era mais um técnico e um propagandista".

No contexto da concorrência internacional, que promoveu o "*surgimento, pela primeira vez, de um mercado genuinamente mundial*" onde as empresas estão perdendo o poder dos mercados individuais; e os Estados perdem o poder regulador sobre as economias nacionais, que vão em direção da doutrina teórica do neoliberalismo que "valoriza sistematicamente o papel do mercado às custas do Estado e também das grandes empresas" (cf. Anderson, 1995, p. 147). É esse, portanto, o "*processo subjacente de mudança estrutural-histórica na própria natureza do capitalismo, (...) que tem escorado e possibilitado o sucesso ideológico do neoliberalismo*" (ANDERSON, 1995: p. 147).

Borón, que prefere conceituar este momento como o da "*emergência de uma nova etapa de capitalismo competitivo, com um novo papel e uma nova dinâmica para os mercados*" (1995, p. 160), também considera que esse processo não é fruto de um projeto ideológico e político determinado, mas é neste contexto que o neoliberalismo emerge como uma corrente particular.

A expansão do neoliberalismo "*significou o triunfo de um projeto de recomposição reacionária do capitalismo que atraiu para si todas as forças da burguesia internacional*" (BORÓN, 1995: p. 172). O livro *Freedom to choose*, de Friedman, num espaço de 3 a 4 semanas foi lançado em 90 países, simultâneo ao lançamento de um vídeo e da uma *turnée* mundial do autor, dentro de um projeto político articulado, que considerava inclusive a derrota do socialismo e o enfraquecimento do movimento operário. Isto mostra o grau da hegemonia neoliberal e explica o seu efeito de impacto mundial (BORÓN, 1995: p. 172).

Para Borón, o neoliberalismo resume o senso comum imposto pelas classes dominantes de nossa época, que tem por base a idolatria ao mercado; a demonização do Estado; exaltação da empresa privada; e o "darwinismo social de mercado", que aparece como desejável e eficaz (BORÓN, 1995, p. 158). Emir Sader compreende o neoliberalismo como um modelo hegemônico: "*uma forma de dominação de classe adequada às relações econômicas, sociais e ideológicas contemporâneas*" (p. 146)

que enquanto processo transcendeu os limites econômicos e se transformou "*no senso comum do nosso tempo*" (SADER, 1995: p. 147). Sader aponta que um dos resultados do avanço do neoliberalismo é o processo de reprivatização das relações de classe (que estavam fortemente permeadas pelo Estado). (SADER, 1995: p.140)

Anderson traça um paralelo com o marxismo, que enquanto doutrina forte foi à inspiração original dos partidos sociais democratas. "*Não podemos subestimar o poder das idéias*" (ANDERSON, 1995: p. 166). Embora haja uma conexão entre o neoliberalismo forte e as versões mais difusas dessa ideologia, que são mediadas por dirigentes políticos que ocupam posições de poder e que têm uma forte formação teórica em Hayek e Friedman, tais como: Miguel Bouer e Carlos Solchaga, estrategistas econômicos do PSOE na Espanha; e na Suécia social-democrata, Feldt o ministro de Finanças; Vaclav Klaus da República Tcheca, que vive citando Hayek; Roberto Campos (que possuía grande poder decisório no Brasil, certamente leu Hayek); Fernando Henrique Cardoso (certamente leu Hayek e Friedman); e Mário Vargas Llosa (do Peru, que se confessou admirador de Hayek e Friedman ao próprio Anderson) (ANDERSON, 1995: p. 166).

Há de se diferenciar a doutrina neoliberal mais consistente e elaborada da versão maquiada, isto é, da "nova economia" em execução em alguns países, mas é importante assinalar a forte conexão entre ambas. "*Há (...) uma relação funcional entre o espaço teórico mais amplo e o espaço domesticado, datado, onde as idéias se traduzem em medidas práticas*" (ANDERSON, 1995: p. 165).

Portanto, há duas versões de neoliberalismo: uma "dura" e outra "branda" (FERNANDES, p. 54-6). A versão "dura" é fruto da ideologia original do neoliberalismo, que define o mercado com regulador eficaz da economia e solução para todos os problemas fundamentais da modernidade, justificando que toda intervenção estatal é danosa. Este projeto no original não é aplicado em nenhum país do mundo (FERNANDES, 1995: p. 54).

Nessa mesma linha, Laurell elabora um modelo explicativo ao neoliberalismo, em que o fundamental é construir um novo padrão de acumulação do capital, que necessariamente passa pelo desmonte das instituições do Estado de bem-estar.

A primeira vertente deste modelo é a supressão dos direitos sociais, que conseqüentemente desobriga o Estado de garantir o acesso desses direitos a todos os cidadãos (LOURELL, 1995: p. 169). Isto implica remercantilizar esses bens públicos através da privatização do financiamento e dos serviços (idem, 163). Para o neoliberalismo, este modelo permite uma expansão das ações da iniciativa privada. Também está fundamentado que o Estado deve prover com seus benefícios apenas os que se encontram na condição de indigentes; para os demais, qualquer tipo de benefício deve corresponder a uma contrapartida, como o pagamento ou o desempenho de um trabalho.

A segunda vertente é a redução do gasto social público (ibidem, p. 169), priorizando a canalização dos recursos sociais para os grupos mais carentes (ibidem, 163) e a descentralização dos serviços, que;

"(...) não tem por objetivo democratizar a ação pública, mas, principalmente, permitir a introdução de mecanismos gerenciais e incentivar os processos de privatização, deixando em nível local a decisão a respeito de como financiar, administrar e produzir serviços".

(LAURELL, 1995, p. 174).

O elemento articulador da estratégia neoliberal é a privatização, pois;

"(...) atende ao objetivo econômico de abrir todas as atividades econômicas rentáveis aos investimentos privados, como o intuito de ampliar os âmbitos da acumulação, ao objetivo político-ideológico de remercantilizar o bem-estar social." (LAURELL, 1995, p. 167)

Mas outros pesquisadores também concordam que o neoliberalismo foi legitimado pela via democrática. Cabe ressaltar, no sentido de reforçar esta idéia, que os dois governos que aplicaram os modelos neoliberais ferindo o preceito democrático foram Pinochet no Chile e Fujimori no Peru. No Chile, as políticas neoliberais continuam sendo aplicadas pelos sucessores de Pinochet, eleitos democraticamente. No Peru, quando as eleições diretas foram convocadas, todos os partidos que se opunham ao modelo neoliberal não atingiram juntos 10% dos votos.

Mas, como Fernandes assinalou, havia um limite para essa legitimação democrática do neoliberalismo; um limite objetivo da "capacidade de tolerância" das massas à degradação das suas condições de vida (FERNANDES, 1995: p. 54-6).

Qual é a do Consenso de Washington?

Podemos assegurar que não se trata de nenhum tipo de maçonaria, nenhum tipo de conspiração internacional, porque muito já se publicou, informando que é uma visão conspiratória da história, como se o consenso fosse uma grande organização clandestina que gerisse ou manejasse os instrumentos de poder mundial.

Trata-se de uma expressão acadêmica, cunhada por John Williamson, um economista vassalo do centro do poder sem grande expressão.

Em 1989, o *International Institute for Economy*, que funciona em Washington, e faz parte de uma rede de assessoramento do grande capital, – são centros de análise e reflexão de cenários estratégicos

onde há intelectuais contratados para pensar numa perspectiva do poder –a serviço do poder, eles estão ali pensando, a médio e longo prazos, a perspectiva de poder para o seu país.

Washington se transformou na capital do império, do que restou de poder nesse mundo, sendo assim, existem redes que reúne cérebros de altíssima qualidade; esses institutos recebem também, permanentemente, a visita de políticos, de intelectuais e autoridades que circulam pelo mundo, que vão até esses institutos para atualizar suas cabeças, informar-se sobre os últimos dados e, eventualmente, passar alguma informação mais atualizadas sobre as suas províncias. Em outros momentos da história também ocorriam esses centros que pensavam o mundo, e hoje nosso centro do império é Washington.

Pois bem, o Instituto Internacional de Economia em que John Williamson promoveu, em 1989, uma reunião cujo objetivo era discutir as reformas necessárias para que os países periféricos saíssem da década perdida, da estagnação, da inflação, da recessão, da dívida externa e retomasse o caminho do crescimento. Nessa reunião, Williamson divulgou um "texto" onde aparecia a expressão, **Consenso de Washington**, os resultados dessa reunião foram publicados em livro em 1990.

Esse livro se espalhou pelo mundo, e com ele essa expressão; **Consenso de Washington**. E, posteriormente, ele mesmo, John Williamson, tentou explicar o que queria dizer com essa expressão: “eu fiz, apenas, uma lista das políticas e das reformas que estavam sendo receitadas e usadas pelos países na América Latina, em conjunto, consensualmente, pelos principais centros e círculos de poder sediados na cidade de Washington”.

Em suma, o que Williamson queria dizer em seu texto, é que a rede onde circulavam essas idéias – era o governo estadunidense, o FMI, o Congresso dos Estados Unidos além da rede de técnicos burocratas que estavam no comando e coordenavam a política econômica mundial, a partir dos EUA, e esse grupo fazia a gestão política da América Latina, isso é, eles que governavam de fato a América Latina, através de suas redes de produção intelectual. E, hoje, aparentemente, de uma maneira hegemônica e integrada, essas redes de institutos e agências (FMI, BIRD, OMC, etc.) atuam em conjunto com as mesmas idéias.

É um fenômeno admirável. As principais burocracias econômicas do Tesouro norte-americano: o FAD, o FMI, o BID, o BIRD, a OMC e, até as Nações Unidas; além da academia que gira em torno de Washington, todos agem em rede receitando os mesmos remédios, afirmou Williamson?

Olho para todos os lados, leio, sinto e percebo que todos estão pensando a mesma coisa, isto é, todos estão propondo a mesma coisa. Há uma forte convergência. E não foi sempre assim, nem sempre foi assim!

Então, essa foi a primeira coisa que Williamson percebeu: "em Washington todos estão pensando que na América Latina todo mundo tem de fazer a mesma coisa". Aliás, não só a América Latina, o Consenso de Washington diz respeito à visão estadunidense sobre a condução da política econômica,

para os países periféricos no mundo inteiro, mas, obviamente, de forma muito mais direta para os países da América Latina que, naquele momento, eram os países mais endividados, e estavam situados embaixo da zona de hegemonia, da supremacia estadunidense. E essa constatação, ele chamou de **Consenso de Washington**. O consenso era esse conjunto de coisas. Congresso, burocracias, burocracias internacionais, aí há um acordo sobre o que?

Quais eram as idéias do acordo que ele percebia?

- *Que havia um plano de ordem macroeconômica, havia um acordo completo entre todas as agências econômicas, que todos os países periféricos deveriam, no momento, serem convencidos a aplicar um programa em que lhes é requerido um rigoroso esforço de equilíbrio fiscal, austeridade fiscal ao máximo, o que passa inevitavelmente por um programa de reformas administrativas, providenciárias e fiscais, e um corte violento no gasto público, principalmente na área social.*

Esse era o primeiro pacote: estabilizar é necessário. E para estabilizar, é necessário uma política fiscal austera, com cortes, corte de salários dos funcionários públicos e congelamento de seus salários, demissões, flexibilização do mercado de funcionários públicos, corte das contribuições sociais, reforma da previdência social.

O que é que ele descobria no plano macroeconômico? Há um acordo entre todas essas agências com relação aos países periféricos, no sentido que todos deveriam buscar a estabilização monetária, porque a prioridade número 1 é a estabilização e a política fiscal tem que ser submetida à política monetária.

- *segunda coisa que ele percebia, todos pensavam que esses países devem fazer políticas monetárias rigidíssimas, porque a prioridade número 1 é a estabilização e a política fiscal tem que ser submetida à política monetária.*

A segunda ordem de propostas e reformas, que estava naquele "consenso", para usar a palavra de ordem deles, são de ordem microeconômica: é preciso desonerar fiscalmente o capital para que ele possa aumentar a sua competitividade no mercado internacional, desregulado e aberto.

Então, o único caminho para as pequenas empresas situadas nos países da periferia entrarem nesse jogo seria o aumento de competitividade, o que passaria por desoneração fiscal, flexibilização dos mercados de trabalho, diminuição da carga social com os trabalhadores, diminuição dos salários.

- *terceira coisa que o consenso propunha: nada disso será possível se não desmontar radicalmente, o modelo anterior que havia nesses países, um modelo perverso, que funcionou mau, só fez porcarias, que é o modelo de industrialização por substituição de importações.*

Nessa direção, quais são as propostas?

As propostas estão no pacote das reformas estruturais, que foram chamadas em alguns países de reformas institucionais e, em outros, de reformas condicionais. Quais são?

- *Primeiro, desregulação dos mercados, sobretudo o financeiro e o do trabalho. E isso já foi feito em quase todos os países da América Latina.*
- *Segundo, privatização, de preferência selvagem.*
- *Terceiro, abertura total do mercado, liberdade total de comércio.*
- *Quarto, garantia do direito de propriedade, sobretudo na zona de fronteira, isto é, nos serviços, propriedade intelectual etc.*

Pois bem, a verdade é que o pacote que Williamson descobriu, em Washington, não é difícil de ser identificado. Quer dizer, pelo caminho imposto pela renegociação da dívida externa ou pelo caminho imposto pelas condicionalidades para se conseguir empréstimo no sistema financeiro internacional, a verdade é que os órgãos multinacionais e o sistema bancário privado, progressivamente, colocaram como condição de reintrodução de uma América Latina, que havia sido afastada pela dívida externa do sistema financeiro internacional, que ela só reingressaria ao sistema se botasse em prática essas políticas.

Não se trata propriamente de uma imposição imperial, nem de uma conspiração, trata-se de um condicionamento comercial explícito. Quer dizer, não há confiança para emprestar dinheiro a quem não tenha o orçamento fiscal equilibrado, não tenha uma moeda estável, não tenha economia aberta, os mercados financeiros desregulados, o comércio desprotegido e o Estado diminuído ao mínimo, vocês só têm essa opção para sacar dinheiro novo, é pegar ou largar!

O que Williamson descobriu? Que nos principais centros de poder de Washington, havia-se desenhado um programa compacto de políticas e reformas perfeitamente alinhadas com a política hegemônica dominante dos países centrais, desde o início dos anos 80, isto é, um programa neoliberal de gestão global, ou seja, um projeto de pensamento único, o neoliberalismo ou a morte!

Duas constatações:

- *Surpreendentemente, para quem quiser se debruçar sobre a América Latina, irá descobrir que todos os países estão fazendo a mesma coisa.*
- *Esse pacote que esse senhor descobriu, não é nada mais, nada menos, do que a versão construída, nesses organismos internacionais, ou a tradução do programa de idéias neoliberais, que havia sido trazido e hegemonizado do Primeiro Mundo, a partir da vitória da dama de ferro no Reino Unido, a Sra. Thatcher.*

Mas a questão é: O fundamental não é o Consenso de Washington, mas, sim, o que está por trás de uma época, do mundo hoje?

Que mundo é esse? A época em que venceu e se construiu , do ponto de vista ideológico, a matriz neoliberal, que é paralela à época em que avançou célere o que outros economistas chamam de processo de globalização financeira.

Como se formou essa matriz de pensamento único?

Essa, é uma provocação interessante de se responder. Vamos fazer uso do método da FSE, através da categoria *processo*, isso requer uma brevíssima retrospectiva histórica, para diagnosticar no tempo, a *Formação Econômica*, e para que possamos acompanhar, minimamente, o movimento decisivo da ascensão política ideológica neoliberal.

Vamos por partes, para descobrir como o consenso keynesiano foi, de repente e, milagrosamente, atropelado e, aparentemente, vencido facilmente, por esse novo consenso, o Consenso de Washington, não há como não retroceder ao momento em que hoje, onde a grande maioria dos analistas e pesquisadores já consideram batalha vencida, ou seja, para que discutir algo irreversível, algo consolidado, não existe vida inteligente fora do global-liberalismo, não é mesmo!

Inicia pelo governo de Margarete Thatcher no Reino Unido em 1979, logo em seguida Ronald Reagan chega ao poder em 1980 nos Estados Unidos. Já em 1982 Helmut Kohl derrotou o regime social democrático de Helmut Shimidt na Alemanha. Em 1983, a Dinamarca, caiu sob o controle de uma coalizão clara de direita, o governo de Schluter, daí pra frente todo o continente, com raras exceções caíram no neoliberalismo.

Precisamos lembrar que o ideário do neoliberalismo havia sempre incluído, como componente central, o anticomunismo mais intransigente de todas as correntes capitalistas do pós-guerra. Agora na era Bush, substituído pelo conceito de terrorismo e sua doutrina geopolítica da *Guerra Preventiva*.

Na Europa, com exceção da Inglaterra, os governos de direita deste período praticaram em geral um neoliberalismo mais cauteloso e matizado que as potências anglo-saxônicas, mantendo a ênfase na disciplina orçamentária e nas reformas fiscais, mais do que em cortes brutais de gastos sociais ou gestões anti-sindical. Contudo, a distância entre estas políticas e as da social-democracia governante anterior já era grande. Países socialistas que resistiram ao modelo, foram obrigados a recuar como a França de Mitterrand, as forças dos Mercados Financeiros Internacionais forçaram o governo socialista de Mitterrand a mudar o curso e se adaptar a uma política muito próxima a ortodoxia neoliberal, com prioridade para a estabilidade monetária, a contenção do orçamento, concessões fiscais aos detentores de capital e abandono do pleno emprego. No final dos anos 80, o nível de desemprego na França socialista era mais alto do que na Inglaterra neoliberal de Thatcher.

Qual a avaliação efetiva do neoliberalismo?

Em termos macroeconômicos houveram avanços, principalmente na estabilidade monetária (que breiou a grande inflação) fortemente apregoada pelos vassallos do neoliberalismo e pela voz monolítica da mídia de aluguel;

Mais o grande êxito foi o brutal aumento da taxa de lucro de 4,2 nos 70, para 5,6 nos 80 e 8,6/11,4 nos 90;

Essa estratégia amoleceu e derrotou o movimento sindical organizado, com o aumento do desemprego e uma notável contenção de salários;

Aumentou a desigualdades sociais, um dos objetivos fundamentais, da política neoliberal foi alcançado!

Toda essa performance de êxitos foi concebida com um fim histórico, o alavancamento do capitalismo, sua ressurreição e hegemonia mundial (globalização). Nesse aspecto, o quadro se mostrou absolutamente decepcionante. Entre os anos 80 e 90, foi absolutamente um desastre, crescimento nulo.

Por que a recuperação dos lucros não levou a uma recuperação da taxa de investimento, da taxa de crescimento?

A desregulamentação financeira, criou condições mas competitivas para se especular no mercado financeiro, afastando o capital do sistema produtivo, o peso das operações parasitárias (a bolsa virtual) teve um crescimento vertiginoso neste período;

- Com o aumento do desemprego, e o congelamento dos salários, ocorreu uma retração do mercado, ou seja, com as novas tecnologias ocorreu um aumento significativo da produtividade, sem que ocorresse um crescimento de mercado. O mercado permaneceu o mesmo, tendo apenas uma taxa de renovação entre os mesmos consumidores; Outro fator foi que, o aumento das taxas de lucro levaram a uma concentração ainda maior de renda, favorecendo um crescimento de um mercado sofisticado de bens, e uma estagnação do mercado formal de bens;
- O paradoxo foi o aumento dos gastos sociais, uma vez que ocorreram um exponencial crescimento de aposentadorias compulsórias, e um elevado gasto com salário desemprego e amparo ao trabalhador;
- Um outro fato foi o aumento da dívida pública em quase todos os países europeus, além de alarmantes endividamento privado das famílias e das empresas, chegando a limites sem precedentes histórico;

O modelo chega a América Latina revigorado na Europa, após o projeto piloto Chileno, nas mãos de Salinas, no México, em 88, Menem, na Argentina, em 89, Andrés Perez, na Venezuela, em 89, Fujimori, no Peru, em 90, Collor, no Brasil, em 90, e se ampliou com FHC, em 94 e implodiu em 2001 primeiro no Peru de Fujimori, depois na Argentina, com os “panelaços” e com o ajuste medíocre o “curralito”.

O início da superação da crise neoliberal? Do Consenso de Washington ao de Monterrey

Tivemos avanços em?

- 1998-2006 Venezuela, Hugo Chavez;
- 2002-2006 Brasil, Luís Inácio Lula da Silva;
- 2003 Argentina, Nestor Kirchner;
- 2004 Uruguay, Tabaré Vázquez;
- 2005 Bolívia, Evo Morales;
- 2005 Chile, Michelle Bachelet;
- 2006 Equador, Rafael Correa;
- 2006 Peru, Alan Garcia;
- 2006 Nicarágua, Daniel Ortega;
- 2007 Argentina, Cristina Kirchner;
- 2008 Paraguay, Fernando Lugo;

E retrocessos?

- 2002 Colômbia; Álvaro Uribe (FARC, etc..)

- 2003/ Paraguay, Nicanor Duarte.
- 2006/ México, Felipe Calderón;

O “novo” Consenso de Monterrey

Em abril de 2002, no México em Monterrey, se reuniram os donos do mundo, numa espécie de Fórum Econômico Mundial do Centro do Grande Capital, cujo objetivo era o financiamento do desenvolvimento pelas agências multilaterais, (FMI, BIRD, OMC, o problema é que a ajuda econômica depende de soluções políticas fora do alcance das agências.

Declaração do Milênio;

Pontos estratégicos para superação do subdesenvolvimento;

- 1) Austeridade fiscal (ajuste fiscal) leis de responsabilidade fiscal, controle dos investimentos e gerenciamento do desenvolvimento;
- 2) Austeridade Monetária (estabilidade econômica) reformas tributária e previdenciária.
- 3) Política Cambial (estabilidade cambial, paridade baseada na âncora cambial).

Objetivos e Metas

- Erradicação da fome;
- Educação básica universal;
- Avançar no direito das mulheres;
- Diminuir drasticamente a mortalidade infantil;
- Combate a doenças endêmicas (Sida, malária, sarampo, tuberculose, etc.)
- Proteção ao meio ambiente;
- Ajuda financeira;

Propostas de participação nos fundos de ajuda;

- UE 0,39 do PIB (+- 40 BI US\$)
- Estados Unidos 0,13 do PIB (15 BI U\$) nos anos 80 era de 0,27% 40 BI.

Gestão do BIRD para os parias, (LICUS) Países de Baixa renda sob Tensão; países com dificuldades financeiras, que poderão se socorrer no Banco Mundial, ou no FMI, desde que estejam sob tensão

financeira e possam colocar o sistema financeiro mundial em risco, mas para aqueles que seguiram a cartilha neoliberal e quebraram, e que sejam obedientes, submissos ao FMI e BIRD. Mas só para países organizados, com a economia sob tutela, excluídos países desgovernados e com opinião própria, ou seja, ajuda só aos obedientes, subservientes, nada de eixo do mal.

De Consenso em Consenso o Grande Capital expropria os territórios produtivos!

O Grande Capital se reuniu no centro do Império para debater o mau uso do seu dinheiro, numa maçonaria liberal no **Consenso do Colorado** no *resort* Beaver Creek. Esse encontro é uma espécie de Fórum Econômico Mundial, criado em 1981 por Gerald Ford, ex-presidente estadunidense, onde se reúnem seus convidados, os donos do mundo; empresários, chefes de governo, banqueiros, presidentes das agências multilaterais como FMI, e Alan Greenspan, ex-presidente do banco central dos EUA o FED, pasta atualmente chefiada por Henry Paulson, onde se reúnem para apagar o incêndio das fraudes mundiais, ENRON, WORDCOM, XEROX, entre outras. E preocupados com os calotes, e com seu rico dinheiro, principalmente para debater o escândalo do *subprime* (crise das hipotecas).

Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguiu revitalizar o capitalismo. Mas politicamente e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau impensável para seus fundadores (Friedman e Hayek), uma vez que ele se apresentou como um idéia simples de que não havia alternativas para seus princípios, que todos, seja aderindo ou negando, tinham que adaptar-se a seu modelo. Se constituiu numa hegemonia ancorada agora no livre cambismo, ou seja, no liberal-globalitarismo.

Mas com a articulação dos movimentos sociais, tais como Fórum Social Mundial, Movimento ATTAC, Via Campesina, Movimento de Chiapas no México, MST no Brasil, conseguiram chamar atenção da sociedade e num curto espaço de tempo 2002-08, conseguiram uma guinada no jogo, principalmente sob a liderança da América Latina, que aos poucos vai virando a página dessa hegemonia neoliberal, e substituindo esse modelo por uma alternativa autônoma baseando em suas experiências e características próprias em vários países Latinos Americanos como acabamos de citar,

Brasil; Neoliberalismo tardio dos anos 90

O modelo começou a ser costurado em reuniões estratégicas patrocinadas pelo Banco Mundial, no Rio de Janeiro, em 1987 e 1988, onde técnicos debatiam a melhor estratégia de desgastar o governo

Sarney, para jogar o povo (sociedade) contra o modelo de governo vigente nacionalista do PMDB, chegando a propor inclusive atentados (assassinatos) a quadros nacionalistas, planos de estabilização fictícios (plano Verão, Bresser e Collor) que levassem ao esgarçamento do tecido social, a uma hiperinflação, onde qualquer intervenção social, por mais drástica que fosse, tivesse apoio popular, onde todos pudessem acreditar e se sentissem com a alma lavada e com seu dever de patriota cumprido. Mas que mais tarde fossem ludibriados, ofendidos e desrespeitados em sua cidadania, gerando um clima de caos social, de falta de credibilidade, de perda de controle social, segundo a fala de um economista de plantão presente numa dessas reuniões; citado por, Perry Andersen;

"Esperamos que os diques se rompam, precisamos de uma hiperinflação aqui, para condicionar o povo a aceitar nosso modelo neoliberal, nossa medicina deflacionária drástica que falta neste país"

Vários disfarces da modernização globalizante

No Brasil – o Frágil disfarce social-democrata do Fernando Henrique e seu partido, o PSDB. Onde cacarejou a fácil promessa de ingresso do Brasil no mundo moderno. A inserção subordinada do Brasil na área de influência mundial, pregando a defesa da neutralidade ideológica, o que permitiu a FHC transitar facilmente junto ao Centro do Poder e se disfarçar. Corria junto aos Fórum de decisões com o pires na mão solicitando apoio para o Brasil, como no caso da ONU, pediu apoio para ocupar uma cadeira do Conselho de Segurança Ampliado. Onde colheu uma derrota humilhante.

Pregou com veemência o modelo: (Política - Desregulamentação – Privatização, macroeconomia monetarista, legislação anti-sindical, modernização é inevitável), como se fosse um resultado das leis da natureza.

São vontades involuntárias, descoladas e dissociadas do propósito e poder humano.

Neoliberalismo foi um termo criado para se diferenciar do Liberalismo Clássico do Século XVIII – XIX;

Os modelos de gestão do Estado, nas várias fases do capitalismo

- Capitalismo clássico/Liberal
- Modelo Monopolista
- Modelo de Bem-estar Social
- Modelo neoliberal atual

Alguns dos modelos de Políticas Públicas para administrar o Estado

- 1) (Ordem) Neoliberalismo/Globalização, política econômica baseada no "pensamento único", globalitarismo, ou seja, na onipotência do mercado, na dominação do mercado, na supremacia do mercado. Cujas a gerência administrativa e ideológica está na mão da elite financeira/empresarial e militar;
- 2) Modelo da esquerda, contrário ao pensamento único, movimento ATTAC, novos/socialistas, etc.;
- 3) Modelo da 3ª Via, à "Nova" esquerda, sociais/democratas, ex-comunistas, médio empresariado, etc.;
- 4) Fundamentalismos; islâmicos, nacionalistas, evangélicos, católicos, etc.;
- 5) Radicais de direita, anarquistas, neonazistas, neofascistas;

Quais motivos inspiram as controvérsias, os questionamentos da Nova Ordem?

A globalização anula a capacidade da ação política; a população excluída e os agentes sociais prejudicados se organizam contra a dominação econômica, e passam a exercer uma cidadania mais plena, exigindo seus direitos; a educação universal com qualidade, direitos culturais, direito à saúde, mais segurança, construindo uma concepção participativa inovadora, não apenas crítica, mais ética, mais social, saindo da passividade contemplativa; outro motivo, é que a ordem institucional atual do *ultra liberalismo, ou, global-liberalismo*, é ineficaz, altamente repressiva e usa como tática a desqualificação do interlocutor, pois é alheia às demandas e reivindicações sociais, por distribuição de renda, igualdade social e solidariedade, sendo portanto excludente e concentradora de capital.

Para intervenção na soberania e na auto determinação dos povos, os liberais tentaram aprovar na rodada do milênio o **AMI** (*Acordo Multilateral de Investimentos*) tentado em Seattle/EUA, em 1999, na fracassada rodada do milênio, que tinha como objetivo impedir a quebra de contratos assinados previamente, ou seja, garantir direitos futuros entre acordos comerciais, negando o direito do Estado de quebrar acordos abusivos e lesivos ao patrimônio público local. Nessa onda de contestação as investidas do centro do poder, surgiu na Europa um Fórum contra a especulação, o Movimento **ATTAC** (*Associação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos*), uma espécie de *Imposto Sob Movimentação Financeira* mundial, cujo resultado financeiro resultado da taxação do capital especulativo, ou seja, essa massa de dinheiro virtual que circula na ciranda financeira das bolsas de

valores. Essa arrecadação em cima da especulação deveria ser canalizado para investimentos a fundo perdido em educação, saúde e moradias.

Ocorreram críticas moderadas ao Neoliberalismo, em nível mundial tais como;

Alain Touraine, a mundialização da economia não anula a capacidade de ação política, e não devemos substituir a lógica da Ordem, pela Desordem, mas substituir pela Ordem das ação social e política, ou seja, a ordem da democracia industrial, (hoje democracia da nova economia tecnológica, ou, a versão mais "light", *social-liberalismo*).

Anthony Giddens, (Para além da esquerda e da direita, criou sua 3ª Via.) defende uma mistura de capitalismo de rapina, com social-democracia, com pitadas de socialismo, ou seja, combinar a flexibilidade econômica dos estadunidenses com a proteção social dos europeus, ou na definição do próprio Giddens, "*Marx queria seres humanos verdadeiramente livres, mas foram transformados em delírios vazios. (...) A história por assim dizer chegou ao fim, e o socialismo era uma ponte longe demais.*" Ele questiona a globalização, afirmando tratar-se da transformação do espaço e do tempo. Definindo-a como ação a distancia, e relaciona sua intensificação nos últimos anos ao surgimento da comunicação global instantânea e ao transporte de massa. Que ela interfere e transforma as realidades locais e até mesmo pessoais de experiência social.

Francis Fukuyama, o homem do *O fim da história*, onde profetizava o fim das mudanças e dos conflitos ideológicos no mundo, logo após a queda do Muro de Berlim (1989), onde foi pioneiro na exposição e divulgação na nova centralidade do Consenso de Washington, que justamente começaria uma "nova" história, com a globalização, nos países "pós-históricos" mas recentemente lançou, *A grande ruptura*, que é uma espécie de mea-culpa, uma tentativa de reconciliação acadêmica a medida que afirma que a globalização só beneficiou os países industrializados, mesmo assim relativiza a deterioração das condições sociais. Omite a crise social e a desnacionalização produtiva dos países subdesenvolvidos, em síntese, os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres. Ele tem defendido com intransigente o "laissez-faire", deixe fazer, sem intervenção, e mercados auto-regulados; e no plano político e ideológico, têm lutado pelo fim das fronteiras e soberanias econômicas nacionais. Onde hoje existem dois caminhos, um na esfera política e econômica, a **Democracia Neoliberal** como única alternativa viável para as sociedades tecnologicamente avançadas, que se sustenta sobre três conceitos fundamentais; um de natureza histórica (a grande ruptura), outro, de natureza analítica (capital social),

e o terceiro, de natureza utópica (a grande reconstrução). E por outro lado fadado ao fracasso as vias alternativas (**Socialismo, 3ª Via, Social Democracia**, etc.).

Para Fukuyama o final de século e o início do milênio, os benefícios do mercado, do individualismo e da informação vieram acompanhados de um aumento da ausências de leis sociais, ou seja, da exclusão social, caindo em profunda contradição te suas teses.

Referências

- ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILE, Pablo (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 09-23.
- _____. Participação no debate: A trama do neoliberalismo: mercado, crise e exclusão social. In: SADER, Emir & GENTILE, Pablo (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 139-180.
- BASTOS, J. M. et alii. Ensaio Sobre Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- BASTOS, J. M. Comércio no Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Geografia) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- BENKO, Georges. Economia Espaço e globalização. (na aurora do século XXI) : São Paulo-SP, Hucitec, 1996.
- BORÓN, Atilio. A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal. In: SADER, Emir & GENTILE, Pablo (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 63-118.
- BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CHESNEAUX, Jean. Modernidade-Mundo. 2ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- CHOLLEY, A. (1948) Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. Rio de Janeiro: BG/CNG/IBGE, 1964. BG nºs. 179 e 180.
- CHOMSKY, Noam. A Minoria Próspera e a Multidão Inquieta. 2ª edição. Brasília-DF: UnB, 1997.
- _____. Os Caminhos do Poder. Porto Alegre-RS: ArtMed, 1998.
- CROCETTI, Zeno Soares. Globalização, tecnologia, neoliberalismo e poder. Curitiba-PR: Revista Paranaense de Geografia n.º 02, pp. 31-39. Editora: Letra das Artes, 1997.
- _____. Neoliberalismo: O caminho para Servidão. Curso ministrado no Evento "De olho no Mundo" em Telêmaco Borba-PR, novembro de 1999. Curitiba-PR, 1999, fotocopiado.
- ESPÍNDULA, C. J. As Agroindústrias no Brasil: O caso Sadia. (dissertação de mestrado). Chapecó: Grifos, 1999.
- _____. As Agroindústrias de Carne do Sul do Brasil. Tese (tese de doutorado) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- FERNANDES, Luís. Neoliberalismo e reestruturação produtiva. In: SADER, Emir & GENTILE, Pablo (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 54-61.
- FIORI, José Luís. Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

- HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991. São Paulo-SP: Editora: Cia das Letras, 1995.
- KONDRATIEFF, N. The long waves in economic life. Londres: Review of Economics and Statistics 17, 1935, pt. 2, p. 105-15.
- LÊNIN, V. I. U. (1899) *Razvitie Kapitalizma V'Rossii*. Trad. port. O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- LAURELL, Ana Cristina. Avançando em direção ao passado: a política social do neoliberalismo. In: LAURELL, Asa Cristina (org.). Estado e políticas sociais no neoliberalismo. São Paulo: Cortez, 1995. pp. 151-178.
- MAMIGONIAN, Armen. Marxismo e "Globalização": As origens da Internacionalização Mundial. In: SOUZA, Álvaro José de et. all (org.). Milton Santos Cidadania e Globalização. Bauru: Saraiva, 2000. pp. 95-100.
- _____. Kondratieff, Ciclos Médios e Organização do Espaço. In: Geosul, Florianópolis: v. 14, n.º 28, p. 152-157, jul./dez. 1999.
- _____. Teorias Sobre a Industrialização Brasileira. Cadernos Geográficos nº2. Florianópolis: EDUFSC, 2000.
- _____. Ciência Geográfica Volume X nº2. O Enigma Brasileiro Atual: Lula será devorado? Bauru: AGB, 2004, p. 127-131.
- MARX, K. e ENGELS, F. Textos Seleccionados. S. Paulo: Avante, 1988, p.12.
- MARX, K. O Capital, Volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3ª edição.
- MOREIRA, Ruy. O Paradigma e a Ordem (genealogia e metamorfoses do espaço capitalista). Bauru: Ciência Geográfica nº 13, 1999. pp. 31-44.
- MYRDAL, G. Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas. Rio de Janeiro: Saga, 1957.
- NETTO, José Paulo. Repensando o balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILE, Pablo (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 29-34.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo, Editora Ática, 1993, 269p.
- RANGEL, I. M. A Dualidade Básica da Economia Brasileira. Rio de Janeiro: ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957. Escrito em 1953.
- _____. As Crises Gerais. Revista de Economia Política, vol. 12, nº. 2 (46), abril junho/1992.
- _____. A Inflação Brasileira. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005. Obras Reunidas. Vol. 1.
- SADER, E. Participação no debate: A trama do neoliberalismo: mercado, crise e exclusão social. In: SADER, E. & GENTILE, P. (org.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 139-180.
- SANTOS, Milton. Espaço & Método, São Paulo-SP: Nobel 1985.
- _____. O retorno do Território. In: SANTOS, Milton et. all (org.). Território globalização e Fragmentação. São Paulo-SP: HUCITEC, 1995. pp. 15-20.
- _____. A Natureza do Espaço, São Paulo-SP: HUCITEC, 1996.
- _____. Por Uma Outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000, 79-116.
- SCHUMPETER, J. A. (1939) Business Cycles: a Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process. London: Mc Graw and Hill.
- SILVA, M. A. da. Gênese e Dinâmica Competitiva da Indústria de Equipamentos Elétricos do Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Geografia) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A Farsa do Neoliberalismo. 5ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Graphia, 1998.
- THERBORN, Göran. A crise e o futuro do capitalismo. In: SADER, Emir & GENTILE, Pablo (org.). Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 39-53.
- TROTSKY, L. História da Revolução Russa. Madrid: Sarpe, 1985.
- SWEEZY, P. M. Do Feudalismo ao Capitalismo. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- _____. Teoria do Desenvolvimento Capitalista. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 6ª edição.
- VIRILIO, Paul. Velocidade e Política. São Paulo-SP: Estação Liberdade, 1996.